

DISCURSOS DE ÓDIO NO YOUTUBE: RESISTÊNCIAS NAS DISPUTAS ENUNCIATIVAS¹

Rafael Silva de Carvalho²
Ileana Wenez³

RESUMO

Com base no referencial teórico-metodológico da análise do discurso foucaultiana, procuramos nos debruçar sobre os enunciados em disputa na rede em torno das dissidências sexuais e de gênero e entender as formas de resistência aos discursos de ódio na rede, especificamente no *YouTube*, a partir de dois vídeos escolhidos. O tema que une os dois vídeos é a produção das feminilidades fora das normas sociais de sexualidade e de gênero, ou seja, fora da cis-heteronormatividade. É justamente esse o principal ingrediente que suscita os explosivos diálogos e disputas enunciativas nas sessões de comentários. Dadas as proporções cada vez maiores das mídias virtuais, os discursos que se produzem sobre as pessoas dissidentes das normas sexuais e de gênero estão cada vez mais em voga, repercutindo nas formações subjetivas, no bem-estar, na segurança e dignidade dessas pessoas que são alvo de agressões dentro e fora da rede. A sessão de comentários do *YouTube* tem sido palco para proliferação desses discursos de ódio contra essa população, gerando brigas, ofensas e produção de mal-estar; mas será que esse palco é o melhor lugar para resistir? Quais formas os sujeitos criam para resistir na rede de outra maneira?

Palavras-chave: Discurso de ódio. Dissidências sexuais e de gênero. *YouTube*. Resistência.

INTRODUÇÃO

A *internet* nos últimos anos tem se tornado um campo fértil para a produção dos mais variados discursos de ódio, em especial aqueles direcionados às pessoas dissidentes das normas sexuais e de gênero. Parece que o suposto anonimato da rede encoraja os agressores a emitirem seu ódio (ANDRADE; PISCHETOLA, 2016) sem que sofram qualquer tipo de punição ou medida de reparo em decorrência da agressão verbal emitida. As pessoas se sentem autorizadas a produzir esses discursos e não arcam com a responsabilidade de seus atos sem se importar com as consequências.

Seja na forma de notícias, piadas, postagens ou comentários os discursos que produzem a insignificância dessas vidas precisam ser questionados, ou melhor, precisam ser enfrentados

¹ Este trabalho apresenta o resultado parcial de uma dissertação de mestrado em andamento e conta com o apoio financeiro da CAPES.

² Mestrando do curso de Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, socialrafael89@gmail.com;

³ Professora orientadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, ilewenez@gmail.com

a fim de que se produza algo novo, algo diferente da banalização das agressões e humilhações dessas pessoas.

Ao entrar na rede, ao se produzir discursos nela, é preciso também assumir as posições éticas de quem luta por essas vidas desviantes, posto que as verdades que ali circulam precisam ser disputadas a fim de se criar outros modos de se fazer gente. Assim, objetivamos com esta pesquisa entender como se operam as resistências frente aos discursos de ódio na rede contra as pessoas sexo-gênero-dissidentes. Entretanto, não apresentamos resultados conclusivos, visto que o presente trabalho se trata do resultado parcial de uma dissertação do mestrado em andamento.

Para tanto, o suporte teórico-metodológico de que nos valemos para este trabalho advém da análise do discurso foucaultiana, a qual nos permite pensar a relações discursivas na *internet* como relações de poder e disputas pelas verdades expressas em enunciados contidos nos vídeos e comentários. O campo de pesquisa é virtual, trata-se da plataforma de vídeos *YouTube* cujos vídeos escolhidos para a pesquisa foram: a participação da modelo transexual Thalita Zampirolli no Programa Silvio Santos⁴ e o videoclipe de Lucas Lucco com a *drag queen* Pablo Vittar “Paraíso”⁵.

METODOLOGIA

A análise do discurso aqui proposta - oriunda dos estudos de Foucault a partir das obras *A arqueologia do saber* (2007) e *A ordem do discurso* (1999) - não se trata de uma análise gramatical, nem lógica, nem psicológica. O filósofo trata essa análise de forma enunciativa. O autor defende que outras formas de análise do discurso até admitem a dimensão do enunciado, mas como elemento residual e de pouca importância. O enunciado tem centralidade no método de Foucault e o autor explica as características desse conceito que demonstram sua potência analítica. O autor traz então a ideia do modo de ser singular do enunciado que apesar de ser linguístico e um objeto portador de certa materialidade, isso não bastaria para defini-lo totalmente (FOUCAULT, 2007, p. 97-98).

O filósofo situa o enunciado como aquilo que atribui a uma proposição seu valor de verdade e o que delimita o sentido histórico-social de uma frase (FOUCAULT, 2007); e não apenas frases, mas também imagens ou quaisquer outros signos. O jogo das relações

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lizATmS5CQA&t=1s>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qtTM2YV3bI8>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

enunciativas possui uma trama própria que outras formas de análise do discurso não captam nem alcançam, posto que, de maneira geral, o enunciado não se encontra livre, neutro e independente, mas sempre em meio a “uma série ou conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja” (FOUCAULT, 2007, p. 112).

Não podemos inferir com isso que a análise enunciativa do discurso seja ‘mais objetiva’⁶, ‘mais acurada’ do que as análises gramaticais, lógicas ou psicológicas. Essa análise apenas tem seu nível próprio de caracterização, olha para direções diferentes e toma outros caminhos que nos permitem pensar relações diferenciadas sobre o discurso.

Lançadas as bases teórico-metodológicas da pesquisa relatamos como operamos o material estudado. A princípio, cada um dos dois vídeos foram escolhidos por motivos diferentes. O primeiro vídeo mencionado foi escolhido como objeto de introdução ao tema, bem como um disparador inicial das disputas discursivas em rede. O segundo vídeo foi escolhido como objeto principal da pesquisa por conter maior repercussão, visualização e comentários, além de ter recebido muitas marcações negativas (*deslike*). As cenas dos vídeos foram descritas detalhadamente a fim de captar os enunciados que neles aparecem, entretanto, neste artigo não trabalharemos as cenas, apenas alguns dos comentários que surgem a partir dos vídeos. Cabe citar que não trabalhamos com todos os comentários, mas, aqueles que foram escolhidos o foram com base em sua repercussão; visualizações (*curtidas/likes*) e respostas. Também selecionamos aqueles comentários que levantam enunciados que conversam com a pesquisa, ou seja, os comentários delimitados, segundo nossa análise, como sendo de ódio ou resistência. Para realizar essa divisão, isolamos os comentários e os classificamos por grupo, enunciado, categorias e conceitos que pudessem ajudar na compreensão do estudo. Mais detalhes desse tratamento de dados podem ser vistos mais a diante na parte de Resultados e Discussão.

DESENVOLVIMENTO

A pesquisa bibliográfica contou com trabalhos oriundos da BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) e Google Acadêmico (localizador de textos acadêmicos do Google). Não encontramos trabalhos com essa temática na Scielo (Biblioteca Eletrônica Científica Online). Além disso, na pesquisa bibliográfica, substituímos o termo “dissidências

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br

www.desfazendogenero.com.br

⁶ Utilizamos aspas simples para tensionar o sentido tradicional das palavras, produzindo outros efeitos.

sexuais e de gênero” por “homofobia”. Embora nossa aposta teórica para tratar das sexualidade e gêneros se valha do conceito de dissidências, a palavra-chave homofobia nos trouxe maior quantitativo de textos. Homofobia, ainda é utilizada como conceito guarda-chuva para tratar das práticas de violência contra outras subjetividades que nela não se encaixam. Junqueira (2007) nos alerta para os limites desse conceito, mas também lembra que não se deve abandoná-lo por conta de sua histórica contribuição nos debates teóricos e institucionais. Por outro lado, a escolha pelo termo dissidências sexuais e de gênero desloca o debate identitário para o campo das práticas performativas de sexualidade e gênero, ou seja, como possibilidades fluidas, cambiáveis, não definitivas, de viver, experimentar e expressar os prazeres do corpo tanto nos atos sexuais quanto nas expressões de gênero que escapam à norma.

Assim, ao pesquisar na BDTD foram encontrados 65 trabalhos nos últimos dez anos a respeito do discurso de ódio de uma forma ampla, assim essas pesquisas apresentam recortes específicos como discurso racista, machista/misógino, regional, escolar, religioso e outros. Sobre esse tema relacionado ao segmento LGBT foram encontradas 4 dissertações e nenhuma tese. As palavras-chave utilizadas foram “discurso”, “homofobia” e “internet”.

À época da pesquisa, no Google Acadêmico, foram utilizadas as palavras “discurso homofóbico” e “internet” trazendo um retorno bibliográfico de 287 produções. Cabe ressaltar que, das 287 produções localizadas, nem todas estão disponíveis ou acessíveis por diversos motivos tais como: endereços de páginas virtuais obsoletos ou desativados, textos incompletos ou sem referência, textos não gratuitos e, principalmente, temas que apesar da proximidade temática não oferecem suporte bibliográfico à esta pesquisa. Desse total de 287 resultados de busca, obtivemos acesso a 24 trabalhos (monografias, TCCs, artigos e ensaios) que tratavam do mesmo tema fora do âmbito da *internet* (escola, arte, trabalho, família e outros). No campo virtual, obtivemos acesso a 11 trabalhos (7 artigos e 4 monografias/TCCs). Por questões de síntese e afinidade com o tema pesquisado, optamos por apresentar apenas 7 artigos encontrados no Google Acadêmico e as 4 dissertações encontradas na BDTD.

TABELA 1 - QUANTITATIVO DE TRABALHOS A RESPEITO DO TEMA “DISCURSO HOMOFÓBICO NA INTERNET” (2009-2018)

	Artigos	Monog./ TCCs	Dissert.
2011*			1 (OLIVEIRA)

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br
www.desfazendogenero.com.br

2012	1(MOREIRA, BASTOS e ROMÃO)		
2013			
2014		1 (SILVA)	
2015	2 (DANTAS e NETO); (REZENDE e COTTA)	1 (AGUIAR)	
2016	2 (DANTAS e ABREU); (BARBOSA e SILVA)	1 (SOUZA)	2 (FERREIRA); (SILVA)
2017	1 (ALVES e PAULO)	1 (CAMELO)	1 (MORATO)
2018	1 (BATISTA)		
Total	7	4	4

*Anos anteriores não tiveram obras encontradas

Fonte: Elaboração do autor, 2019.

De modo geral, as pesquisas tratam os discursos virtuais de ódio contra as pessoas dissidentes sob três aspectos: violência, relação ou crime. Cada uma dessas perspectivas bebe de diferentes fontes para sustentar sua posição teórico-metodológica. Cabe ressaltar ainda que, alguns trabalhos, consideram que mais de uma dessas perspectivas podem coexistir a depender do contexto.

Os trabalhos que tratam o discurso de ódio contra as pessoas dissidentes como violência (MOREIRA, BASTOS e ROMÃO, 2012; DANTAS e NETO, 2015; BARBOSA E SILVA, 2016; DANTAS e ABREU, 2016; SILVA, 2016; ALVES e PAULO, 2017; MORATO, 2017) a tomam sob as perspectivas de violência moral, verbal e/ou psicológica. Nesse sentido, essas práticas de violência apenas são possíveis a partir de uma estrutura de poder que divide as pessoas em posições de opressores e oprimidos. Esses trabalhos se valem dos referenciais teórico-metodológicos de Bourdieu e/ou Pêcheux que por sua vez são influenciados pela leitura marxista de classe, poder e ideologia.

As produções que tratam esse discurso de ódio como relação (OLIVEIRA, 2011; REZENDE e COTTA, 2015) a fazem segundo a perspectiva foucaultiana de relação de poder. Dessa forma, não há sujeitos oprimidos versus sujeitos opressores, mas há posições de sujeitos, posições que são ocupadas temporariamente no momento da enunciação (FOUCAULT, p. 61, 2007). Para Foucault, nas relações de poder, sempre é possível resistir, caso não houvesse possibilidade de resistência seria uma relação de violência.

não haverá relação de poder. Deve-se, portanto, para que se exerça uma relação de poder, que haja sempre dos dois lados ao menos uma certa forma de liberdade. [...] Quer dizer, nas relações de poder há, necessariamente possibilidade de resistência, pois se não houvesse possibilidade de resistência - de resistência violenta, de fuga, de subterfúgios, de estratégias que invertam a situação -, não haveria, de modo algum, relações de poder (FOUCAULT, 2001a, p. 1539, apud, COSTA, 2018, p. 159-160).

Na rede, as disputas discursivas tencionadas pelo ódio, são passíveis de resistência, pois esse território virtual oferece condições de liberdade para contestar esse ódio. Por mais nocivo que o discurso de ódio seja, ele não dá a ‘palavra final’, ao contrário, provoca consequências e reações que evidenciam que essa relação de poder pode ser a todo momento contestada com ações de resistência. Posteriormente, mostraremos como essas ações se operaram em nosso objeto.

Por fim, os trabalhos que tratam o discurso de ódio enquanto crime (FERREIRA, 2016; BATISTA, 2018) tomam a perspectiva jurídica como norteadora da discussão. Os principais tensionamentos desse tema se debruçam sobre o delicado limite da liberdade de expressão frente o que é e o que pode ser considerado como discurso de ódio no sentido da injúria, difamação e propagação de mensagens de extermínios de grupos minoritários.

Nosso trabalho opta por trabalhar o discurso de ódio na rede de um modo mais próximo ao segundo grupo descrito, ou seja, discurso de ódio como relações de poder, passíveis de resistência num contexto de disputa por verdades expressas em enunciados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme visto na sessão de metodologia, os comentários passaram por um tratamento sendo divididos em dois grandes grupos: os discursos de ódio e os discursos de resistência. No caso dos discursos de resistências não os dividimos em grupos, antes, os dividimos por estratégias de enfrentamento. Conforme dito anteriormente, os resultados obtidos até agora são ainda parciais, e no caso deste artigo, o foco não são os discurso de ódio, mas os de resistência.

Para oferecer alguns elementos que exemplifiquem nosso debate, laçamos mão de três comentários de ódio e três comentários de resistência para que se possa vislumbrar um pouco dos enunciados que circulam e das verdades que se disputam na rede a partir do videoclipe de Lucco e Vittar carregado de signos das dissidências sexuais e de gênero no *YouTube*:

“Só resta saber quem é mais o mais viado. Bando de lixos”.

“Mais que ridículo dois homens se beijando ele tem que caçar uma mulher pra ele isso sim”.

“Tá parecendo Sodoma e Gomorra”.

Os enunciados dos comentários citados demonstram a repulsa, a indignação e desumanização não apenas do afeto entre pessoas dissidentes, mas também a negação de sua dignidade humana. Parte dessa revolta é retroalimentada pela demonização desses afetos e dessas pessoas com os enunciados bíblicos extraídos do conceito do pecado da promiscuidade, nesse caso referenciado pela passagem de Sodoma e Gomorra. Essas ofensas guardam enunciados que se repetem em tantos outros vídeos que tratam de temas relacionados às sexualidades e gêneros desviantes. Entretanto, outros usuários da plataforma de vídeos não leem passivamente aos comentários, eles confrontam essas verdades a partir de suas próprias reflexões e experiências de vida, igualmente portadoras de enunciados, embora diferentes.

“Jesus tem que voltar!!!! Para acabar com o preconceito”.

“Quem critica não sabe diferenciar um trabalho artístico de uma realidade, estou certo”?

“Macho que é macho não tem problema de cantar com uma *drag*!!! Parabéns Lucas Lucco
!!!! Hétero sem preconceitos”!!!!

Citamos esses três exemplos de comentários de enfrentamento ao ódio para indicar alguns enunciados que disputam as verdades que o videoclipe suscita entre os internautas. O primeiro comentário ressignifica a autoridade bíblica e muda o foco da punição divina para a benevolência cristã. O segundo se apoia na liberdade artística para a performance da dissidência que acontece no clipe. O último comentário exalta a suposta bravura de Lucco, ao descer do alto de sua masculinidade e conceder sua ilustre participação no trabalho com a *drag*.

Alguns comentários, como nos exemplos anteriores, foram lançados isoladamente na sessão de comentários, porém, alguns internautas chegam a estabelecer um diálogo. Em muitos desses diálogos, alguns comentários ofensivos são respondidos por uma via recorrente, como no caso a seguir:

“Respeito a decisão de cada um, mas é uma loucura, um verdadeiro suicídio o homem virar isso!!! caminho sem volta”.

“Primeiro que não é loucura alguma, segundo que ninguém vira se nasce”.

Os comentários foram escolhidos por indicar fluxos que são recorrentes nessas disputas pelas verdades do sexo e gênero. Durante os embates discursivos no *YouTube*, notamos que as estratégias de resistência aos discursos de ódio tendem a seguir dois caminhos. O primeiro

caminho diz respeito a uma noção de identidade sexual e de gênero fixas e definidas desde o nascimento. A partir desse enunciado, alguns internautas justificam que não se pode culpar as pessoas dissidentes porque “elas nascem assim e isso não é culpa delas”. Essa linha de pensamento tenta criar uma espécie de legitimidade dessas “identidades” porque vem de berço, bem como nos casos de expressões de sexualidade e gênero que estariam latentes se aflorariam mais tarde. Contudo, ainda que seja uma forma de resistir aos ataques e tentar explicar as dissidências, esse enunciado reforça a ideia de que identidades sexuais e de gênero não podem ser fluidas e que somente na estabilidade de uma identidade fixa se conquista o respeito.

O segundo caminho percorreu uma estratégia um tanto quanto traiçoeira. Referimo-nos aos comentários que exaltavam ‘o grande esforço’ que é para os heterossexuais/cisgêneros de arriscar sua imaculada imagem ao realizar trabalhos e parcerias junto às pessoas dissidentes. Esses enunciados carregam a ideia de que as alianças entre dissidentes e não dissidentes na luta por respeito e dignidade é motivo de exaltação de um gesto nobre daquelas pessoas que já possuem o privilégio e ser consideradas normais. Essa posição, por sua vez, desloca o esforço da luta dos dissidentes para um gesto benevolente dos privilegiados, conforme nos sugere Junqueira:

é recorrente o entendimento de que respeitar o ‘outro’ seria um gesto humanitário, expressão de gentileza, delicadeza ou magnanimidade. Uma espécie de benevolente tolerância que deixa ilesas hierarquias, relações de poder e técnicas de gestão das fronteiras da normalidade. Informadas por uma matriz de conformação, pessoas com distintos graus de preconceitos costumam se perceber dotadas de atributos positivos por serem-se portadoras de certa sensibilidade em relação às vítimas – uma dose de compaixão, em função da qual o ‘outro’ recebe uma aquiescente autorização para existir, em geral, à margem e silenciado (JUNQUEIRA, 2013, p.493).

É fundamental que os internautas dissidentes não aceitem passivamente os ataques no *YouTube* ou qualquer outra rede social. Se por muitas vezes o espaço virtual é utilizado como troca de ofensa, também é canal de diálogo para pessoas que não estão habituadas com os signos das dissidências sexuais e de gênero. Há pessoas dispostas a conversar e aprender com as experiências de quem vive a dissidência. Entretanto, é preciso refletir sobre as respostas que temos oferecido na rede. Não precisamos apelar para fatalismos como “nascemos assim” para que tenham piedade de nossa condição. Entendemos que temos o direito de transitar, experimentar, desistir e reconstruir os modos como expressamos nossas sexualidades e gêneros, em dissidências possíveis, sem que tenhamos qualquer contrato de fidelidade com performances identitárias pré-estabelecidas. Precisamos lembrar também que, as parcerias (artísticas ou políticas) entre as pessoas sexo-gênero dissidentes e não dissidentes devem se pautar pelo respeito e não como benevolência, como bem disse Junqueira (2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das contribuições teórico-metodológicas de Michel Foucault, podemos ir ao campo virtual e pensar as relações discursivas como disputa pelas verdades. Verdades essas que constituem as mais diversas subjetividades, imbricadas em relações de poder entre sujeitos que gozam dos privilégios de uma sexualidade e expressão de gênero considera normal frente àqueles sujeitos desviantes, que lutam para se fazer inteligíveis e dignos na rede virtual (e fora dela). Contudo, é preciso olhar atentamente essa disputa e avaliar se nossas posições discursivas tem surtido os efeitos que nos contemplam, ou se de outro modo, reproduzem antigas verdades que se atualizam sob a máscara da piedade, de uma existência marginal.

Assim, percebemos que nas tentativas de se enfrentar o ódio na rede, ainda pedimos licença para existir e colocamos nossos prazeres sexuais e livres manifestações das expressões de gênero enquadradas sob rótulos identitários de sexo e gênero, a fim de se garantir certa legitimidade e respeito diante dos privilegiados pela cis-heteronormatividade. Além disso, nas alianças compostas entre dissidentes e não dissidentes, temos deslocado os esforços das lutas das pessoas dissidentes para a benevolência daqueles considerados normais. Não precisamos viver dos restos de quem transborda privilégios, precisamos compor lutas e alianças que nos garantam o direito de existir em plenitude, nem acima e nem abaixo de ninguém, porque para andar de mãos dadas, precisamos estar lado a lado, juntxs.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao apoio financeiro da CAPES, fomentando a pesquisa da dissertação e possibilitando a produção deste artigo. E agradecemos também ao GEPSs (Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades da Universidade Federal do Espírito Santo) que é mais que um espaço acadêmico, é um espaço de produção de vida e afeto.

REFERÊNCIAS

ALVES, Carlos Jordan Lapa; PAULO, Tatiana Vantilio. As trincheiras da fala: discurso de ódio no Facebook. **Temática**. Ano XIII, n. 04. Abril/2017. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/33876>>. Acesso em 28 out. 2019.

ANDRADE, Marcelo; PISCHETOLA, Magda. O discurso de ódio nas mídias sociais: a diferença como letramento midiático e informacional na aprendizagem. **Revista e**

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br
www.desfazendogenero.com.br

Curriculum, São Paulo, v.14, n.04, p. 1377– 1394 out./dez. 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/30015> >. Acesso em: 28 out. 2019.

BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira; SILVA, Laionel Vieira da. “Os cães do inferno se alimentam de blasfêmia”: religião e transfobia no ciberespaço. **Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 18, n. 24, p. 110-133 jan-jul. 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/CienciasSociaisReligiao/article/view/63578>>. Acesso em 28 out. 2019.

BATISTA, Andreia Aparecida. O embate entre a liberdade de expressão e o discurso de ódio: uma análise do caso Levy Fidelix. In: PEREIRA, Rodolfo Viana (Org.). **Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio**. Volume I. Belo Horizonte: IDDE, 2018. p. 35-58. ISBN 978-85-67134-05-5. Disponível em: <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/4443/2018_pereira_direitos_politicos_liberdade.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 ago. 2018.

COSTA, Helrison Silva. Poder e violência no pensamento de Michel Foucault. **Sapere aude** – Belo Horizonte, v. 9 – n. 17, p. 153-170, Jan./Jun. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/16152>>. Acesso em 26 out. 2019.

DANTAS, Monica Lucia Gomes; NETO, André de Faria Pereira. O discurso homofóbico nas redes sociais da internet: uma análise no facebook “Rio sem Homofobia - Grupo Público”. **Cadernos do Tempo Presente**, n. 19, mar./abr. p. 27- 41. 2015. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/3896>>. Acesso em 28 out. 2019.

DANTAS, Wellington Miguel; ABREU, Giovanna. Homofobia não: violência simbólica e preconceito em uma comunidade ativista do Facebook. **Temática**. Ano XII, n. 06. Junho/2016. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/29227>>. Acesso em: 28 out. 2019.

FERREIRA, Madson de Lima. **Militância no Facebook como enfrentamento ao discurso de ódio: análise da página de Jean Wyllys no combate à homofobia na web**. Dissertação (Mestrado) – UFPB. João Pessoa, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9536/2/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2019.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Revista Bagoas**, Rio Grande do Norte, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2256/1689>>. Acesso em 21 mar. 2018.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário A normatividade em questão. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul./dez. 2013. Disponível em: <www.desfazendo.com.br>. Acesso em 21 mar. 2018.

(83) 3322.3222

www.desfazendo.com.br

<retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/download/320/490>. Acesso em 30 de mai. 2018.

MORATO, Rafael dos Santos **Os sentidos dos discursos sobre gênero e sexualidade no Facebook: a desigualdade social “curtida” e “compartilhada**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/24862> >. Acesso em: 28 out. 2019.

MOREIRA, Viviam; BASTOS, Gustavo e ROMÃOS, Lucília. Discurso homofóbico em blogs: tessituras da violência e(m) rede. **Calidoscópico**. Vol. 10, n. 2, p. 161-170, mai/ago 2012. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/download/cld.2012.102.04/981>>. Acesso em: 28 out. 2019.

OLIVEIRA, Danielle Coenga. **“Se fosse normal, Deus teria criado Adão e Ivo”** – Brasília, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/9862>>. Acesso em: 28 out. 2019.

REZENDE, Renata; COTTA, Diego. “Não curto afeminado”: homofobia e misoginia em redes geossociais homoafetivas e os novos usos da cidade. **Contemporanea comunicação e cultura**. v.13, n.02. p. 348-365. maio-ago 2015. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/13860>>. Acesso em: 28 out. 2019.

SILVA, Adriano da. **Homofobia e internet: Identificação de expressões de violência homofóbica em comunidades virtuais**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://laiss.ensp.fiocruz.br/public/nossa-producao/dissertacao-final-adriano-da-silva.pdf> >. Acesso em: 28 out. 2019.